

A TV E A EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NOS VALORES MORAIS DA CRIANÇA

Andrea Moreira Santana¹
Lúcia Gracia Ferreira²

RESUMO

A televisão faz parte da vida das pessoas, em especial das crianças, que passam boa parte do tempo diante dela. Sendo assim, este trabalho aborda a influência da mídia televisiva no desenvolvimento moral da criança por meio dos desenhos animados, tendo como base o estudo dos quatro estágios que Kohlberg (1969) identificou a partir do trabalho de Piaget (1932). E tem como objetivos apontar os valores éticos e morais nos personagens mais assistidos pelas crianças e o que as mesmas entendem dos valores morais dos desenhos a que assistem. Foi realizada uma pesquisa qualitativa em uma escola privada do município de Itapetinga, a partir da observação de seis crianças com idade entre 6 e 9 anos e da entrevista semiestruturada coletiva com esses alunos. Ficou evidente que as crianças não “condenam” o comportamento de agressividade de um herói como “condenam” do vilão. Por fim, confirmou-se que a programação infantil apresenta alguns desenhos que podem deseducar os valores morais na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento moral infantil. Valores. Desenho animado.

A TV AND EDUCATION: A STUDY ON THE INFLUENCE OF CARTOON IN MORAL VALUES OF CHILD

ABSTRACT

The television is part of people's lives, especially children, who spend most of their time in front of her. Thus, this paper discusses the influence of television media in the moral development of children through cartoon, based on the study of the four stages that Kohlberg (1969) identified from the work of Piaget (1932). And aims to point out the ethical and moral values in the characters most watched by children and that they understand the moral values of the drawings they watch. A qualitative study was conducted in a private school in the municipality of Itapetinga, from the observation of six children aged between 6 and 9 years of collective and semi-structured interviews with these students. It was evident that children do not "condemn" the aggressive behavior of a hero as "condemn" the villain. Finally, it was confirmed that the children's program features some designs that can dis-educate moral values in children.

KEYWORDS: Children's moral development. Values. Cartoon.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Contato: andrea.santana@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB. Contato: luciagferreira@hotmail.com

A mídia é hoje um dos principais agentes formadores de opinião que temos em nosso mundo. Desde a infância, somos influenciados por milhares de informações que recebemos dos diversos meios de comunicação, em especial a televisão. Todavia, a enorme inversão de valores que a sociedade vem enfrentando pode ser também consequência da irresponsabilidade eletrônica, por meio de sua programação, que desde cedo influencia a construção dos valores éticos e morais da criança.

Os tantos comportamentos indisciplinados, agressivos e conflituosos das crianças em sala de aula, imitando os personagens que gostam, despertaram o desejo de conhecer e refletir sobre alguns desenhos animados e os valores que eles trazem para a criança que os assiste com frequência.

A televisão está cada vez mais presente nos lares, lanchonetes, restaurantes e nas escolas também. Com isso, as crianças têm mais acesso aos conteúdos da TV, sendo influenciadas por toda programação. Nos programas infantis e desenhos animados, encontramos mecanismos de influência dos comportamentos dos personagens, costumes, vestuários e a luta entre o bem e o mal, porém sem reflexões.

Embora, em pleno século XXI, seja quase impossível às famílias não terem acesso à televisão, é importante analisar e selecionar a programação para o público infantil, pois tal ação requer uma postura coerente dos pais e adultos que convivem com crianças. Mesmo não sendo uma tarefa simples, é preciso colocar limites na liberdade que as crianças possuem ao assistir os programas televisivos.

Neste trabalho é analisado quatro dos seis estágios identificados por Kohlberg (1969), de como se dá o processo de desenvolvimento da moralidade do sujeito. A criança no decorrer do tempo passará da fase da “regulação moral e intelectual determinada por outro, para a autonomia que é autorregulação moral e intelectual” (DE VRIES, 1998, p.40). Partindo deste princípio, a criança diferencia entre aquilo que ela acredita ser o certo ou errado, ela identifica os valores morais que os desenhos emitem.

A relevância deste trabalho dá-se devido aos efeitos dos desenhos animados no desenvolvimento do indivíduo, trazendo possibilidades para o educador trabalhar na construção do caráter do aluno em âmbito educacional, contribuindo para que a criança não seja sujeito passivo diante da TV, mas que possa aprender a interpretar e refletir sobre o que está assistindo e despertar nessa uma consciência crítica com relação ao mundo a sua volta.

A questão central que norteia o trabalho consiste em saber como os desenhos animados podem influenciar a construção de valores éticos e morais da criança, contribuindo ou não para a educação. Assim, buscamos ainda conhecer de que maneira a mídia televisiva influencia o comportamento das crianças em seus respectivos estágios do desenvolvimento da moralidade e quais os valores éticos e morais na infância; compreender a influência dos personagens de desenhos animados no imaginário infantil e analisar o que as crianças entendem dos valores morais dos desenhos a que elas assistem. Ao identificar nos desenhos animados tal influência na conduta de meninos e meninas, interessa, então, saber se o desenho animado favorito destes é o vilão ou o herói, o que eles mais admiram nos desenhos favoritos, e o que seria um desenho bom ou mal.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e, segundo Richardson (1999, p.80), os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Nesta pesquisa buscou se

conhecer e analisar os dados de forma que se conhecesse até que ponto a mídia televisiva por meio dos desenhos animados influencia os comportamentos das crianças quando estas imitam o seu personagem favorito.

O trabalho de campo foi realizado em uma escola na rede privada do município de Itapetinga, Bahia, pertence à Mesorregião do Centro-Sul Baiano, distante aproximadamente 580 km da capital do Estado. A sua população, em 2007, segundo estimativa do IBGE, era de 68.273 habitantes, sendo assim a 24ª cidade mais populosa da Bahia.

Por se constituir de um espaço de rotina diária para as crianças, a escola é um lugar que facilita a coleta de dados, pois as mesmas interagem com outros colegas, sendo possível observar ao mesmo tempo várias crianças. A escolha pela escola da rede privada é relevante porque, na maioria das vezes, os alunos possuem melhores condições socioeconômicas e um ambiente familiar que as estimulam na vida escolar. A realidade na rede pública de ensino é muito diferente, passível de influência de outros fatores, como, por exemplo, o aspecto socioeconômico.

Os sujeitos da pesquisa foram sete crianças na faixa etária de 6 a 9 anos de idade do ensino fundamental, que estudavam no turno vespertino, uma vez que é no turno matutino que se concentra a maior parte de desenhos animados. Percebe-se que nessas idades há uma tendência relevante para determinados desenhos demonstrada através dos seus comportamentos. As crianças pesquisadas já não se encontravam no estágio 1 e imitam os personagens dos seus desenhos favoritos (a conversa informal com a professora confirma as imitações, sendo que alguns imitam com mais expressão e ênfase que outros durante as aulas) independente do valores transmitidos por eles. Essas crianças com as idades de 6 a 9 anos já possuíam referência do que parece ser bom ou mal e mostrava isso nas imitações.

O objeto de investigação foram os desenhos animados, pois mesmo alguns sendo antigos e repetitivos ainda são assistidos pelas crianças e pelos adultos. Mas faz-se necessário analisar como influenciam no desenvolvimento da moral da criança.

Foram realizadas observações, na maioria das vezes, durante o recreio escolar e poucas vezes em sala de aula, com o intuito de perceber as brincadeiras dessas crianças. A entrevista forneceu também respostas mais convincentes e dados mais precisos, pois o contato direto com o entrevistado possibilita deduzir expressões e reações. Para a realização da entrevista, foi necessário fazer uma seleção dos alunos com a ajuda da professora, observando-os em alguns momentos (a chegada e o recreio). Depois, perguntamos quem gostaria de participar da entrevista; inicialmente ficaram tímidos, mas depois de falarmos da pesquisa eles gostaram.

A entrevista foi coletiva, com sete crianças. Era apresentada a pergunta para todas e era registrada a resposta de cada uma. O roteiro da entrevista era composto de nove questões, com o objetivo de conhecer o que as crianças compreendem dos valores morais contidos nos seus desenhos preferidos e se o personagem principal é herói ou vilão; até que ponto a televisão está presente no cotidiano dessas crianças; como a criança identifica as características do desenho bom e mal e se há uma mediação do adulto quando estão assistindo. Enfim, buscou-se conhecer, para analisar, qual a leitura que as crianças fazem dos desenhos animados nesta faixa etária. Os dados estão apresentados e analisados qualitativamente.

A entrevista, através de seu roteiro, buscou conhecer se essas crianças tinham televisão em casa; em quais momentos do dia assistiam TV (manhã, tarde ou noite); se assistiam TV sozinhos ou na companhia de algum adulto; o que mais gostavam de

assistir na TV; qual desenho animado mais gostavam de assistir; qual personagem mais gostavam (o herói ou o vilão); se brincavam de imitar os personagens dos desenhos; o que mais admiravam no seu desenho preferido; o que seria um desenho bom ou mal para eles.

A coleta de dados deu-se no segundo semestre de 2011, no período em que as crianças haviam voltado das férias do primeiro semestre. A pesquisa foi feita no período de outubro a dezembro de 2011, sendo interrompida por conta do encerramento do segundo semestre. Retomamos em fevereiro de 2012 assim que as aulas iniciaram. A partir de então, foi possível analisar os dados das observações e das entrevistas, visualizando o todo com os fundamentos teóricos são base da temática.

VALORES ÉTICOS E MORAIS NA INFÂNCIA

No século XIX, surge a teoria dos valores ou axiologia (do grego axios=valor) como disciplina filosófica específica que aborda de maneira sistematizada essa temática. O filósofo Garcia Morene (apud ARANHA, 1997, p. 118) diz: “os valores não são, mas valem. Uma coisa é valor e outra coisa é ser. Quando dizemos de algo que vale, não dizemos nada do seu ser, mas dizemos que não é indiferente [...]. A não indiferença é a essência do valer.” Os valores podem ser entendidos como sendo a importância que se atribui a algo ou a alguém. Estes orientam nossas preferências e as mesmas determinam nossa conduta. Deste modo, as atitudes do indivíduo são influenciadas de acordo com as suas primazias, ou seja, de acordo com os valores que cada um possui. Valls (1993, p. 7) reflete a questão da ética da seguinte forma:

A ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta. Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou reflexão científica ou filosófica, e eventualmente ate teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas.

O ser humano pode não saber definir a palavra ética até porque tal definição requer estudos e pesquisas, mas no que se discute a ação e como se comportar de maneira tal isso todos sabem, ainda que algumas situações optem por não agir de maneira coerente.

Em todo lugar as pessoas já têm noção do bem e do mal, do que é certo e errado. Esse discernimento atravessa gerações e está inserido em todas as sociedades. Embora seja um assunto complexo, a ética deve estar presente em todas as situações da vida do homem. Desde cedo somos ensinados a ter comportamentos éticos para com as pessoas externas do âmbito familiar.

Ética e moral são palavras com significados idênticos, apontamos moral como ressalta Vasquez (1998 p. 84):

Sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

Os valores morais, quando expressos nas ações do indivíduo, pode ser apontado como um exemplo de bom caráter. O ser humano, desde cedo, é influenciado pelo seu meio social, aprendendo os valores da cultura do grupo a que pertence. Suas atitudes e comportamentos diante das diversas situações têm como base as prioridades intrínsecas de cada um. Para distinguir a ética da moral, Cortina (2003, p. 14) faz a seguinte colocação:

Ética e moral distinguem-se simplesmente no sentido de que, enquanto a moral faz parte da vida cotidiana das sociedades e dos indivíduos, e não foi inventada pelos filósofos, a ética é um saber filosófico; enquanto a moral tem “sobrenomes” derivados da vida social, como “moral cristã”, “moral islâmica” ou “moral socialista”, a ética tem sobrenomes filosóficos, como “aristotélica”, “estóica” ou “kantiana”.

A ética e a moral devem andar juntas, ou seja, quando o que se aprende reflete numa postura que convém, exercita-se a moral. Vásquez (1998) diz que a Moral é notável pelas ações do sujeito enquanto a Ética não apresenta nenhum caráter prático, mas teórico e reflexivo. Uma completa a outra, havendo um paralelo entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são interligados. É necessária uma relação entre os valores éticos e morais na ação humana.

Partindo do pressuposto de que a criança já possui um pré-julgamento moral, faz-se necessário analisar os quatro estágios que Lawrence Kohlberg (1969) identificou tendo como ponto de partida o trabalho de Piaget (1932 apud DE VRIES, 1998, p. 178).

No estágio 1, o certo ou errado é definido em termos do que evita punição ou esta em obediência a uma autoridade maior tal como os pais e outros adultos. As ações são consideradas em termos físicos, ao invés de psicológicos. Isto é, a preocupação da criança é com o dano material a pessoas ou coisas, ao invés de preocupar-se com intenções. O interesse de outro não é considerado. Na verdade, não há reconhecimento de que os interesses de outros diferem da própria criança.

Neste estágio a criança obedece cegamente às normas que lhes são impostas pelos pais e adultos a fim de evitar o castigo ou a punição. A criança não está preocupada com sua conduta na sociedade, mas sim com o dano físico que sua conduta pode lhe provocar. A questão do outro não é notado, pois a criança neste nível é individualista. Segundo Kohlberg (apud DE VRIES, 1998, p. 178):

No estágio 2, (frequentemente chamado de estágio da finalidade instrumental e intercâmbio), o direito é definido como aquilo que vem em favor dos próprios interesses. À medida que a criança reconhece que todos têm interesses próprios, o certo é visto como simplesmente relativo. Este é o estágio no qual vemos a moralidade de “olho por olho” e no qual as crianças estão preocupadas com a rígida igualdade — medir para ver se todos têm a mesma quantidade de bolo no prato. As crianças, neste estágio, começam a cooperar uma com as outras, a fim de obterem o que desejam uma espécie de mentalidade de “uma mão lava a outra”.

A criança neste processo compreende as necessidades do outro, sem abrir mão de suas particularidades. Propõe relativo benefício próprio e em se tratando de trocas, que seja igual para todos. Neste contexto, a moral é entendida como direitos iguais para todos. Para Kohlberg (apud DE VRIES, 1998, p. 178):

No estágio 3 é aquele dos relacionamentos mútuos, e o que é certo em termos do sistema social e imediato (família, classe, círculo de amigo, etc.). A criança começa a agir em termos de expectativas das pessoas que lhes são importantes. As crianças neste estágio estão preocupadas em ser uma “boa menina” ou “um bom menino” e agiram no sentido de obter aprovação. A regra de ouro é compreendida de um modo concreto, como colocar se “na pele” dos outros.

Neste estágio a criança busca atender às orientações das pessoas que lhes são referência, compreendendo que ter boas maneiras está relacionado à moral. Partindo deste pressuposto, a criança já sabe se colocar no lugar do outro assimilando comportamentos que estão relacionados com os valores sociais. Kohlberg (apud DE VRIES, 1998, p. 178) ressalta que:

No estágio 4, o sistema social mais amplo começa a entrar no quadro e o certo é definido em termos das normas sociais, leis, deveres e expectativas. Há o reconhecimento de que todos devem se submeter a um sistema de leis compartilhadas de bem comum.

No estágio 4 a criança já interpreta de forma abrangente as regras sociais e faz distinção dos papéis que cada sujeito exerce na sociedade. Para a criança todos devem cumprir regras e obedecer às leis a fim de manter a ordem social, respeitando as autoridades. Araújo (1999, p. 32) aborda que “o desenvolvimento da moralidade do indivíduo se dá por construção de estado de autonomia”, desde os primeiros anos de vida. Ao interagir com as pessoas e com o mundo, a criança acredita que a fonte de regras é externa a ela e que as normas e os deveres que aceita provêm dos adultos.

De Vries (1998, p. 40) comenta “que as crianças pequenas pensam sobre questões morais e sociais e sobre as relações de um modo que difere qualitativamente de como as crianças mais velhas e adultos pensam”. Então, é preciso observar se aquilo que determinada criança está assistindo é ou não adequado para sua idade e se esta já possui ou não maturidade suficiente para compreender. A interação da criança com desenhos animados, sem orientações éticas, despida de valores morais, na fase de construção dessa moral, pode alimentar o egocentrismo, reforçando até mesmo a agressividade em casa em sala de aula, pois ela imita seu personagem favorito. Não há dúvidas de que o meio em que vive vai determinar também sua personalidade e caráter, ainda em formação. Segundo Pacheco (2000, p. 34):

A partir dos mitos existentes nos desenhos animados preferidos, a criança elabora medos e satisfaz necessidades fundamentais como: viver a magia da ficção; a importância de, ainda que magicamente, desafiar regras que os adultos lhe impõem no seu dia a dia; as substituições do tempo métrico, que é real, pelo tempo psicológico que lhe permite libertar-se da gravidade, ficar invisível e assim comandar o universo por meio da sua onipotência.

Os desenhos animados, por sua vez, atraem a criança para um mundo de fantasias. Dentro desta perspectiva ela assimila comportamentos que as encorajam a desafiar os adultos.

Segundo Piaget (1932), “toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (apud ARAÚJO, 1999, p. 32). Na cultura em que está inserido, o homem é estimulado desde cedo por um comportamento considerado adequado, ou seja, algumas regras. Na família, a criança precisa compreender que as regras que lhes são impostas pelos adultos devem ser respeitadas, e no momento em que as obedecem, apontam caminhos que o fazem ser um bom caráter. Rheta De Vries (1998, p. 40) aponta que:

As crianças pequenas podem ser descritas como realistas morais, porque seus julgamentos sobre certo e errado, bom e mau, estão baseados naquilo que lhes é observável ou “real”. Em primeiro lugar, as crianças pequenas vêem as regras morais (e também outras regras) como imposições arbitrárias dos adultos. As regras morais parecem arbitrárias quando as crianças não conseguem compreender suas razões. Isso resulta da limitação intelectual da criança pequena, incapaz de pensar além da superfície observável dos eventos.

A leitura que as crianças fazem de alguns desenhos a que assistem, e os valores impostos pela mídia televisiva, na maioria das vezes, contrapõe-se aos ensinamentos dos pais e professores. Até alcançar o nível do verdadeiro homem moral, que, segundo Aranha (1997, p. 120), “não recebe passivamente as regras do grupo, mas as aceita (ou recusa) livre e conscientemente”, a criança não pode vivenciar sem mediação essa gama de ensinamentos outrora deturpados, oferecidos por esse mundo midiático, sobretudo a televisão, pois a criança está em pleno desenvolvimento da sua moralidade. A mídia tem propósitos voltados para o consumo, dentre outros, e não o intuito de educar ou orientar o caráter do indivíduo. Contudo, a ausência de referenciais faz com que a “babá eletrônica”, tão presente na construção dos valores dos filhos, ganhe credibilidade por parte dos mesmos.

A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS E A MÍDIA TELEVISIVA

A formação do caráter na vida de uma pessoa depende de alguns fatores, como: seu lar, sua educação, seus referenciais, o que ela vê e também em que crê. Segundo Andrade (2004, p. 109): “mídia e educação fazem parte do universo da cultura, produzindo modelos de vida, modo de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas.” Ensinamentos estes que, conseqüentemente, vão educar, moldar e governar a vida da criança que está inserida nesta cultura. A programação matinal da televisão é, em sua maior parte, destinada à criança, ofertando principalmente os desenhos animados, que, segundo Fusari (apud MESQUITA, 2008, p. 418):

[...] esses textos audiovisuais mostram-se atendendo mais aos interesses de lucro, caracterizando como mercadoria de lazer, desinformados de seu papel no campo da educação informal e de circulação informal de um sentido de existência voltada para a atuação social, entre espectadores adultos e crianças.

Para atender e entreter seu público, os investimentos são altos, visando uma maior audiência, não atentando para os efeitos produzidos nos valores da criança. A maioria dos desenhos animados emite sempre uma ideia de que o importante é ganhar sempre, podendo utilizar trapaças, espertezas perversas, alimentando o egoísmo, zombar do diferente ou mais frágil, com apresentação de cenas de agressividade e violência. Segundo Eurasquin (1983, p. 30):

Os desenhos animados violentos normalmente contem ameaças à vida ou danos físicos reais que dão como resultados a perda da mesma. Já o desenho cômico apenas ameaça a vida. Seus personagens nunca morrem. Não obstante, o efeito cômico é criado mediante um dano físico infligido a outrem. A criança pequena, que vê o desenho animado violento, pode estar vendo um ato que lhe dê muito medo (dor física) e que é infligido a personagens com os quais ela, criança, se sente fortemente identificada.

Os animais dos desenhos apresentam características humanas, o que faz com que as crianças possam imaginariamente viver seus desejos e inverter situações de submissão, com as quais muitas vezes são confrontadas. Porém, há desenhos em que o bem e o mal se confundem, a partir do momento em que o personagem principal é também o malvado que só quer se promover, levando vantagens em suas ações cruéis, anulando o bem-estar do outro. Greenfield (1988, p. 50) “indica que assistir a um comportamento social positivo, como a ajuda e a cooperação, pode influenciar as crianças de modo a agirem de forma mais colaboradora”. Todavia, as características de alguns desenhos animados podem influenciar negativamente o caráter da criança, porque, dependendo da sua maturidade, não haverá uma reflexão, ou seja, essas crianças não estarão aptas para discernir sozinhas, será necessária a mediação do adulto. Partindo desde princípio é importante uma separação orientada na programação televisiva para crianças e adultos. Quanto ao que pode acontecer, Postman (1999, p. 94) aponta que:

[...] a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas à sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para aprender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento, e terceiro porque não segrega seu público [...] O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Dada as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância.

A criança recebe uma enorme quantidade de informações e referenciais que irão atuar na construção do seu imaginário. Ela passa muito tempo na frente da televisão, a sua capacidade de influenciar é das mais importantes, tanto para o bem quanto para o mal. Vai depender do programa ou desenho a que assiste com maior frequência e também da criança que assiste. Segundo Rezende e Rezende (1989), toda essa influência proveniente das imagens da televisão vem influenciando os telespectadores, por apresentar elementos como som, foco de luz, imagens móveis, que despertam tanto a atenção de crianças como de adultos.

A velocidade que estes jogos de imagens e sons são emitidos pela televisão pode não permitir à criança fazer uma reflexão dos conteúdos transmitidos. Não há uma interpretação das mensagens para serem analisadas e também questionadas sobre seus efeitos no imaginário de uma criança. Para Naganini (1998, p. 98):

As mensagens veiculadas pela televisão devem ser entendidas e refletidas para favorecer esta interpretação, o conteúdo da televisão pode ser trabalhado dentro das escolas, transformando um observador passivo em receptor ativo, com espírito crítico, que sabe compreender e agir sobre aquilo que assiste e ouve na TV, um sujeito perfeitamente capaz de pensar por si mesmo ao mesmo tempo em que se diverte.

Quando a criança internaliza as mensagens dos programas sem mediação adequada, corre sério risco de serem incapazes de possuir autonomia para formar seus próprios valores; dessa forma, serão as informações obtidas que irão formá-las. Para Rezende e Rezende, “o consumo infantil, geralmente acrítico e passivo sem dúvida terá decisiva interferência na representação que a criança formará da realidade” (1989, p. 4). Frente aos conteúdos televisivos, a criança precisa ter um pensamento crítico, os programas infantis, em especial os desenhos animados, tendem a formar as concepções de vida da criança, sendo fator determinante no desenvolvimento mental da mesma.

Para Cury (2004), o modelo de vida construído pela mídia é um modelo mágico cujo sucesso nasce da noite para o dia, sem alicerces nem subsídios para suportar as dificuldades da vida real de cada um. Partindo deste pensamento a criança que tem seus pais ou adultos que a cria, como seu exemplo maior de bom caráter, tende a cultivar e apropriar-se de valores morais e virtudes escassas na sociedade contemporânea. Postman (1999, p. 98) ressalta que:

A televisão, contrapartida, é uma tecnologia com entrada franca, para a qual não há restrições físicas, econômicas, cognitivas ou imaginativas. Tanto os de seis anos quanto os de sessenta estão igualmente aptos a vivenciar o que a televisão tem a oferecer.

A atuação dos pais e professores na educação das crianças tem sido um trabalho difícil; por um lado, a dupla jornada dos pais que trabalham, o que, na maioria das vezes, faz com que as mesmas fiquem à mercê dos desenhos animados e do que a mídia impõe. E por outro, os desafios enfrentados por professores em sala de aula, uma vez que as crianças trazem de casa as suas experiências, que são refletidas no âmbito escolar.

Para Rogério Correia da Silva (2009), há muito tempo a televisão desperta a atenção daqueles que estudam, pesquisam e convivem com as crianças, justamente pela forma intensa como ela se faz presente no cotidiano de sua infância. Assim, o autor (2009, p. 155) diz que:

Tida como um dos importantes agentes socializadores, presenciamos a televisão torna-se tema recorrente nas brincadeiras que as crianças realizam. Onde quer que as brincadeiras aconteçam, as crianças imitam muitas vezes os heróis de desenhos animados; usam com bastante familiaridade jargões, expressões de familiaridade de personagem da TV, especialmente dos programas infantis; dedicam sempre um espaço na TV nos horários de bate papo. Na escola, as

crianças trazem para sala de aula bonecos e bonecas de super-heróis, apresentadoras de TV, figurinhas, bem como outros brinquedos anunciados por esse veículo de comunicação.

Ao imitarem seus heróis preferidos, usarem gírias com muita frequência, sem distinção do que acredita ser certo ou errado, as crianças indicam que não está havendo reflexão por parte delas no que diz respeito à representação dos personagens dos desenhos animados. Contudo, pais e professores vivenciam o desafio de lidar com as indisciplinas e falta de respeito por parte dos filhos e alunos. Em algumas situações, se não houver uma perspectiva de mudança ou melhora no comportamento das crianças, as mesmas se tornarão cada vez mais impulsivas e a sociedade pode conceber um ser sem limites.

Mesmo que a criança precise satisfazer sua necessidade de lúdico, com brinquedos, desenhos animados etc., é preciso ter a responsabilidade de não entregar os filhos aos “cuidados da TV”, acreditando que todos os desenhos animados são “inofensivos”. Já que a criança tem um olhar diferente do dos pais e professores, é imprescindível o papel de mediadores na fase da infância. No entanto, a nova forma de captar os valores morais, que outrora eram ensinados pela família e também pela escola, desconstrói os princípios que deveriam ser mantidos e não relativizados pela mídia, que atualmente representa uma tecnologia de fácil acesso, sendo uma fonte de informação e comunicação com diversos assuntos.

A TV, OS DESENHOS ANIMADOS E A CRIANÇA: UMA INVESTIGAÇÃO DO PROCESSO

Num resgate histórico, percebemos, segundo Azevedo (2013), que na Antiguidade as crianças eram rejeitadas, pois não tinham o pleno uso da razão, ou seja, eram desprovidas da linguagem e da razão. O termo infância, etimologicamente, vem do latim “é in-fans”, que significa “incapacidade de falar”. Essa era uma característica da criança na primeira infância que, nesse período, “não fazia parte do mundo dos adultos”.

A partir dessa concepção de infância e criança, buscamos analisar os dados da pesquisa. Assim, a pesquisa foi realizada com sete crianças na faixa etária de 8 a 9 anos, sendo apenas uma com 6 anos de idade. Foram quatro meninas e três meninos, estudantes da rede particular de ensino. A entrevista constou com 10 questões, apresentas a seguir.

Quando foi perguntado se possuíam TV em casa, todos responderam que sim. Mesmo que pareça uma pergunta óbvia acredito ser necessário tal pergunta por ser um ponto central do trabalho. Segundo Mesquita (2008, p. 418), “a televisão faz parte da vida diária de milhões de pessoas nos mais diferentes locais e nas mais variadas culturas, e é mais presente na vida das crianças, atuando muitas vezes como ‘babá eletrônica’”. E segundo a pesquisa, 100% dos entrevistados tinham TV em casa, isso mostra como as crianças têm acesso fácil à televisão e está entregue aos cuidados dela.

A televisão também faz parte do espaço escolar, sendo assim uma excelente oportunidade de trabalhar com os alunos, orientando-os sobre alguns desenhos que deseducam.

A pergunta seguinte consistia em saber em quais momentos do dia eles mais assistiam TV (manhã, tarde ou noite). Todos responderam que pela manhã, sendo que o

Aluno F respondeu também que assiste no turno da tarde, quando chega da escola, mas argumentou que é pela manhã que passam os melhores desenhos.

Como podemos perceber, as crianças responderam que pela manhã aproximadamente 580 km porque a programação matinal é praticamente destinada ao público infantil, pois é o horário que as principais emissoras disponibilizam para os desenhos animados que elas mais gostam. O lazer dessas crianças é ver televisão, em especial os desenhos animados.

Com o questionamento seguinte (se assistiam sozinhos ou na companhia de algum adulto), apenas a criança E disse que assistia às vezes com a avó e a mãe. Mas os demais assistiam sozinhos.

A resposta obtida nos leva a concluir que, na maioria das vezes, as crianças assistem sozinhas, sem nenhuma supervisão do adulto. Dessa forma, as crianças o assistem porque têm liberdade, mas a família poderia/deveria selecionar aquilo que os filhos podem assistir ou delegar a estas outras atividades além da escola. Também estes deveriam ser informados sobre a moral de cada história contada nos desenhos.

Com isso, as mensagens transmitidas pelo personagem do desenho animado influenciam no imaginário da criança. Segundo Fischer (2002 apud SILVA, 2009, p. 38):

Desenhos que simbolizam [...], rivalidades geralmente não parecem manifestar nenhuma importância sob identidade, porém, essa afirmação não condiz com o comportamento infantil das crianças de hoje.

A conduta das crianças de hoje revela a presença daquilo que elas assistem com frequência, que são os desenhos, como, por exemplo, o comportamento de agressividade que, segundo Merlo-Flores (1999, p. 189): “a televisão, com sua carga de violência institucionalizada dá às crianças e aos jovens “permissão” para usá-la (a violência).” Por ela não ter ainda maturidade para refletir sobre o desenho assistido, fica entregue aos cuidados da TV, sendo induzida pela mesma. Greenfield (1988, p. 16) aponta que:

Assistir à televisão pode torna-se uma atividade passiva, paralisante, se os adultos não orientarem o que os seus filhos devem ver na TV, ensinando-os a assistir criticamente e aprender com o que assistem.

A criança não deve ficar sujeita ao modelo de vida que a mídia televisiva impõe, pois o alto apelo do padrão de beleza e o consumismo são características marcantes nos intervalos de cada programação e isso causa prejuízos aos valores da criança. Então, faz-se necessária tal mediação por parte dos pais e responsáveis, por meio do diálogo, para que estas crianças aprendam a fazer uma leitura crítica frente à programação da televisão.

Quando questionados sobre o que mais gostavam de assistir na TV, todos responderam que gostam de assistir desenho, e o mais interessante, a resposta foi imediata.

A partir das respostas constatou-se que o desenho animado atrai a criança porque lhe é apresentada imagens coloridas e em constante movimento, como também frases de fácil compreensão. Conforme Gouvea (2009, p. 35,36), podemos analisar que:

Ao brincar, ou desenvolver uma atividade que lhe dá prazer, o sinal de sua satisfação é dizer de novo, imediatamente após o fim da atividade [...] Mediante a repetição, a criança ordena suas emoções, disciplina seu mundo interior, dando logicidade.

Conforme a fala do autor, podemos perceber que alguns desenhos são repetidos, e mesmo assim a criança o assiste novamente e gosta de assistir. Ela anseia por ouvir e ver os mesmos desenhos por diversas vezes, até compreender e assimilar o que está assistindo.

Assistir desenho é muito satisfatório para as crianças, porém não se deve esquecer que muito deles traz influências que podem desorientar os valores morais da criança.

Sobre qual desenho animado mais gostavam de assistir, as respostas variaram. As meninas A, B, C e D responderam que gostam da *Barbie*; a menina B disse gostar de *Scooby Doo* também. O menino E gosta do *Ben 10*; o menino F gosta de vários desenhos. E o menino G gosta do *Power Rangers*, porque “ele protege a cidade lutando com o bicho”.

A questão nos leva a concluir que os enfeites do desenho da *Barbie*, as armas que simbolizam o poder do *Ben 10* e do *Power Rangers* estão presentes no imaginário da criança. Com isso, as meninas são mais precoces no sentido de avançar para o mundo adulto, na forma de se vestir e de expressar. Já os garotos são mais infantis nas brincadeiras, porém os desenhos escolhidos por eles também revelam essa tendência para o mundo adulto. Ou seja, tanto a *Barbie* quanto o *Ben 10* ou *Power Rangers*, são personagens com características de adolescentes que têm “poderes” adultos.

Cada criança tem o seu desenho preferido, podendo haver até gostos parecidos, mas elas interagem com esse universo de ficção para satisfazer a fantasia que lhe permite “fugir” um pouco da realidade, e na qual poderá inverter, pela imaginação, as regras impostas por professores e pais. Para Gouvea (2009, p. 34):

A imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo. Contudo a escola pouco valoriza e trabalha a imaginação, como se essa fosse apenas resultado de uma racionalidade pouco desenvolvida na criança, como se, ao longo do processo de desenvolvimento, a imaginação fosse substituída pela razão, característica do pensamento adulto.

O professor precisa estar atento na elaboração de suas metodologias e promover no dia a dia em sala de aula momentos que provoquem esse pensamento criativo. O educador ganha a atenção de seu aluno quando utiliza “objetos” do universo infantil no âmbito escolar.

Sobre o personagem que mais gostavam, se o herói ou o vilão, as crianças A, B, C, D, E, F responderam que era o herói, porém o menino G ficou confuso mas disse que era o “mal misturado com bom”.

A resposta unânime dá-se devido ao herói ser aquele que “faz o bem”. Assim, a criança nesta faixa etária jamais colocaria seu personagem favorito no papel de vilão. Apesar de fazer distinção entre o bem e o mau no desenho, ela não percebe que quando o seu suposto herói “mata” o suposto vilão está se utilizando da violência também. Os heróis dos desenhos animados mentem e enganam para alcançar seus objetivos, ou seja, valores como dizer a verdade, não usar de agressões, estão presente tanto no vilão como

no herói. Kohlberg (apud DE VRIES, 1998, p. 179) afirma que “as pessoas podem defender a mesma ação por razões muito diferentes, que representam distintos estágios do raciocínio”.

Ao avaliar o nível do julgamento moral, a ênfase está sobre o modo como as pessoas raciocinam, não sobre as ações específicas que defendem (DE VRIES, 1998, p. 179). Depois da família, a escola também deve conduzir a criança a criar várias perspectivas daquilo a que assiste, como no caso dos desenhos animados, no intuito de construir o pensamento crítico frente à televisão. A passagem de um estágio para o outro, mediada pelo professor, a partir da leitura de um desenho animado, identificando e analisando as semelhanças entre vilão e herói, leva a criança a pensar sempre no outro.

O herói mal dos desenhos animados pode influenciar no desenvolvimento moral da criança no momento em que ela imita as ações do personagem, pois, segundo Gouvea (2009, p. 31): “Na imitação é que a criança seleciona, no ato imitativo, aquilo que ela busca compreender. Ela não imita qualquer ato, de maneira mecânica, mas seleciona aquilo de que ela quer apropriar-se.” Nesta questão percebe-se que quando a criança assiste com frequência o seu desenho animado preferido, imitando suas lutas e o palavreado, em que há ameaças verbais entre personagens, ela internaliza tal situação e a expressa nas brincadeiras durante o intervalo ou em sala de aula.

Também lhes foi perguntado se brincavam de imitar os personagens dos desenhos. As crianças de A a F ficaram tímidos e responderam que não imitavam, expressando uma certa vergonha, mas na observação percebeu-se que eles imitavam quando estavam socializando, alguns mais e outros menos. O garoto G falou com muito entusiasmo que imitava os desenhos a que assistia.

Posso concluir que essa timidez presente na resposta das crianças mais velhas se dá pelo fato de já estarem em um nível de maturidade que as fazem identificar o comportamento de imitação do personagem de desenho animado apenas para crianças mais novas. “A imitação é outra característica da ação infantil. Ela é fundamental para a introjeção da realidade que circula a criança” (GOUVÊA, 2009, p. 31). A criança por meio da imaginação se apropria dos comportamentos dos personagens televisivos fazendo imitações. É notável que as crianças de 9 anos que têm como desenho favorito a *Barbie* não imitem com tanta expressão, todavia querem ser como a boneca, ter seus vestidos e enfeites; os de 6 a 7 anos são mais expressivos quando estão imitando o seu personagem favorito, brincam de atirar, “matar o monstro que quer destruir a cidade”, imitam tanto o suposto herói como o vilão. Sabemos que no espaço escolar acontecem algumas brincadeiras que comprometem a integridade física dos outros. Trazendo para o contexto da escola, De Vries (1998, p. 176) aponta que:

Algumas questões que surgem na sala de aula de crianças pequenas podem ser categorizadas como nitidamente morais. Por exemplo, temas envolvendo machucar outros são morais porque lidam com o direito humano básico de integridade física. Similarmente, a destruição ou furto de propriedade são considerados como temas morais em nossa cultura ocidental.

O professor deve promover discussões que façam as crianças pequenas reconhecerem a existência de pontos de vista oposto na situação. As crianças com 9 anos de idade, além de assistirem a desenhos animados, acompanham também o enredo das novelas, o *Big Brother*, e outros programas destinados para adultos. E ao interagir

com a programação do adulto, percebe-se um distanciamento entre estas e o universo infantil. No caso do garoto G de 6 anos, esta empolgação na resposta se dá porque o mesmo se encontra no nível menos elevado de maturidade com relação aos demais.

No questionamento sobre o que mais admiravam no seu desenho preferido, as meninas A, B, C, D disseram que gostam dos “vestidos e enfeites”. Os meninos E e F disseram que admiram quando o personagem Ben 10 se transforma, usando do seu poder para “matar o vilão”. O menino G disse “gosto do relógio e quando se transforma em um robô”.

Percebe-se nesta questão o quanto as crianças focalizam os enfeites usados por cada personagem de sua preferência e como estes são impactantes para sua imaginação. Para Bachelard (1994, apud GOUVEA, 2009, p. 34):

Ela carrega duas dimensões: a imaginação reprodutora, em que evocamos situações, acontecimentos, seres e pessoas, sendo referente ao vivido, e a imaginação criadora, que envolve a invenção, a combinação de ideias para além o real.

Conforme o autor, a imaginação criadora é aquela utilizada pelas crianças dessa pesquisa, pois elas reproduzem comportamentos aprendidos e dessa forma, no imaginário infantil, a criança articula suas ideias com base naquilo que está assistindo, ou seja, ela se vê no personagem e cria a situação no real. Como a criança imita seu herói, sendo mal, usando a espada e matando, então é dessa forma que o desenho influencia o seu imaginário, induzindo negativamente na moral da criança. Isto porque matar é umas das formas de perverter os valores morais e de violentar os direitos dos seres humanos, garantidos através de uma Constituição. A moral, dessa forma, é influenciada quando a imagem é denegrada pelo mal cometido.

Quando questionados sobre o que seria um desenho bom ou mal, as quatro meninas responderam que o desenho bom, ou seja, do bem, é aquele que tem as amigas. Os três meninos responderam que um desenho mal é aquele em que se maltrata pessoas.

Pudemos perceber que a criança já tem noção de bem, quando atribui o desenho bom para aquele que tem as amigas, pois compreendem que ter amizade é saudável. E noção de mal quando diz que é aquele desenho em que se maltrata pessoas. Não houve variações nas respostas, pois a fala do primeiro influencia os demais. As meninas, por sua vez, foram motivadas pelo contexto de novas amizades na escola. Quanto aos meninos, focou o que seria um desenho mal, até porque os desenhos preferidos por eles têm lutas e apresentam com maior ênfase os personagens do herói e do vilão. De Vries (1998, p. 37) diz que:

[...] estamos falando sobre crianças que enfrentam questões que fazem parte de sua vida. As crianças enfrentam questões sobre o que acreditam ser bom ou mau, certo e errado. Elas formam suas próprias opiniões e ouvem as opiniões de outros. Constroem seu senso de moral a partir das experiências da vida cotidiana.

Pude perceber como este conceito de bom e mal deixou os meninos e meninas com poucas palavras, sem muito argumento, pois elas compreendem o que é certo ou errado quando expresso no comportamento, mas para dar uma resposta que requeresse uma reflexão ficou difícil, ou seja, sabem o que é, mas consideram difícil explicar. “Nesse sentido é importante o papel desempenhado pela educação, não mediante “aulas

de moral”, mas por meio do processo mesmo de educação” (ARANHA, 1997, p. 119), pois o professor pode levar seus alunos a perceber a inversão de valores a partir de um desenho animado e levá-los a refletir. Dessa forma, pode sim haver a inversão de valores, porém não se deve atribuir única e exclusivamente à TV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia televisiva abrange vários aspectos, sua presença em nosso cotidiano influencia nas escolhas e comportamento dos sujeitos. Já é constatado que os desenhos animados têm um lugar de prestígio no universo infantil, no qual elas vivem a fantasia e a alegria. É um mundo colorido onde as narrativas dos mitos existentes no desenho são expressas nas socializações das crianças, nos momentos de brincadeira e na roda de conversas. O acesso livre da televisão para o público infantil, associado à situação de ausência, impaciência e negligência dos pais causa impactos negativos nos filhos, que têm como companhia os programas televisivos.

Os resultados desse trabalho nos permitiram compreender alguns conceitos sobre o imaginário do sujeito na infância, entendendo como se processa a questão dos valores morais na vida do indivíduo desde os primeiros estágios do desenvolvimento da moralidade. Dessa forma, a escola deve possibilitar aos alunos um momento de fazer leituras dos personagens que mais chamam a atenção e pensar criticamente sobre as mensagens inculcadas no desenho e de que maneira se posicionar frente ao universo midiático. Assim, por meio do diálogo e da seleção dos programas assistidos, o adulto contribui para um bom desenvolvimento na formação do caráter moral. Portanto, a programação da televisão para o público infantil deve ser selecionada.

Ressalte-se a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada, pois cada indivíduo traz consigo sua cultura como também suas tendências. Este trabalho não supõe um padrão de comportamento daqueles que assistem com maior ou menor frequência os desenhos animados, mas que a mídia contribuiu muito para a banalização e inversão dos valores morais e éticos na sociedade.

Nessa perspectiva, a televisão no âmbito familiar é um instrumento meramente tecnológico e não pedagógico, que apresenta para todos, em especial ao público infantil, uma programação carregada de ideologias que influenciam o imaginário da criança tanto para o bem quanto para o mal. A maioria dos desenhos educativos que ensinam valores morais deveriam ser atrativos e interessantes, mas não atraem as crianças, sendo o oposto dos desenhos com propósito mercadológico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ARANHA, M. L. A. *Filosofia da Educação*. São Paulo, Moderna, 1997.

AZEVEDO, H. H. O. *Educação Infantil e formação de professores: para além da separação cuidar-educar*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CORTINA, A. *O fazer ético: guia para a educação moral*. São Paulo: Moderna, 2003.

CURY, A. J. *Nunca desista dos seus sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DE VRIES, R. *A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Trad. Dayse Batista - Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

EURASQUIN, M. A. *Os teledependentes*. São Paulo: Summus, 1983.

GOUVÊA, M. C. S. *A infância na Mídia: a televisão e a criança que brinca*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009.

GREENFIELD, P. M. *Desenvolvimento do Raciocínio na Era da Eletrônica: os efeitos da Tv, Computadores e Videogames*. São Paulo: Summus, 1988.

MERLO-FLORES, T. *A criança e a violência na mídia*. São Paulo/ Brasília: Cortez/ Unesco, 1999.

MESQUITA, N. A. S.; SOARES, M. H. F. B. Visões de Ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. *Ciência e Educação*, v.14, n. 3, p. 417-29, 2008.

NAGANINI, E. *Televisão, publicidade e escola*. In: CHIAPPINI, Ligia. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.

PACHECO, E. D. A linguagem televisiva e o imaginário infantil. *Comunicação e educação*, São Paulo, (2), jan./abr. 2000, 43-48.

POSTMAN, N. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

REZENDE, A. L. M.; REZENDE, N. B. *A Tevé e a Criança que te vê*. São Paulo: Cortez, 1989.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, R. C. *A infância na mídia: a televisão e a criança que brinca*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009.

VALLS, A. L. M. *O Que É Ética*. 9 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.(coleção primeiros passos:177).

VÁSQUEZ, A. S. *Ética*. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1998.